

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO E NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Ana Caroline Faustino de Souza*
Scheilla Guimarães de Oliveira**

RESUMO

Este trabalho aborda o impacto da relação entre professor e aluno na aprendizagem escolar. No contexto atual, lecionar é um grande desafio, acredita-se que um dos principais entraves, além das questões midiáticas, seja a falta de vínculo afetivo. Diante de tal desafio, a afetividade torna-se uma ferramenta eficaz e facilitadora do educador. O objetivo deste trabalho é analisar a importância do vínculo afetivo na relação professor-aluno como motor propulsor da aprendizagem. A metodologia utilizada foi revisão bibliográfica, através da leitura de livros e artigos. A pesquisa mostrou que para haver uma aprendizagem eficaz ela deve ser realizada com afeição.

Palavras-chaves: Afetividade. Realidade Escolar. Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo descreve a importância da afetividade na relação entre professor e aluno. Visto que nem sempre essa questão é tratada com a devida importância, portanto faz-se necessário entender esse comportamento a fim de aprimorar o processo de aprendizagem.

Tal abordagem se justifica visto que os vínculos afetivos são construídos ao longo do tempo e têm um papel importante na aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos.

* Ana Caroline Faustino de Souza, estudante de pedagogia no Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS. Email: karoline_faustino@yahoo.com.

** Scheilla Guimarães de Oliveira, mestre em Educação. Professora do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS.



É importante que o desenvolvimento da criança seja acompanhado de maneira cautelosa, dado que o aluno está no processo de formação escolar, que tem papel fundamental na vida cidadã. Nesse contexto, afetividade é profícua para a prática docente.

O objetivo deste estudo é identificar os benefícios do afeto no processo educacional, explicando as suas etapas. Este propósito será alcançado com revisão bibliográfica, através de estudos da Teoria walloniana e outras leituras.

2 A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Desde os primórdios da humanidade o homem apresenta-se como ser gregário, agrupando-se ao longo da história. Com o tempo através da sua interação com a natureza, descobertas realizadas, invenções de materiais, foi-se constituindo em suas relações em grupo e com seus pares. Encontram-se registros na Arte (pinturas, xilogravuras, esculturas, papiros) que demonstram cenas do cotidiano, da caça, da presença do poder vivenciados no seu tempo. A mitologia também apresenta relatos dessa interação das relações entre os homens. Acredita-se que o viés que permite o homem se interagir com seus pares e a aprender está pautado na afetividade.

Muitos são os significados desta palavra. De acordo com o dicionário online Português, afetividade é entendida como a ação de listar, de descrever, de relatar; descrição, listagem. No campo da psicologia, a afetividade apresenta-se como capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos). Aponta Ferreira e Acioly-Régner (2010, p. 1) que:

Uma das contribuições centrais de Wallon está em dispor de uma conceituação diferencial sobre emoção, sentimentos e paixão, incluindo todas essas manifestações como um desdobramento de um domínio funcional mais abrangente: a afetividade, sem contudo, reduzi-los uns aos outros. Assim podemos definir a afetividade como o domínio funcional que apresenta diferentes manifestações que irão se complexificando ao longo do desenvolvimento e que emergem de uma base eminentemente orgânica até alcançarem relações dinâmicas com a cognição, como pode ser visto nos sentimentos.



Sobre o vínculo afetivo, Piaget (1999, p. 36), acrescenta que “desde o período pré-verbal, existe um estreito paralelismo entre o desenvolvimento da afetividade e o das funções intelectuais [...]”.

Verifica-se que a afetividade, conforme suas definições e contribuições de estudiosos, está presente desde o nascimento de uma pessoa. O ser humano depende do outro - pais, familiares ou cuidadores - para seu desenvolvimento pessoal, social e também cognitivo. Ressalta Haydt (2006) que “[...] a interação humana tem uma função educativa, pois é convivendo com seus semelhantes que o ser humano é educado e se educa.” O elemento básico que constitui a afetividade é o afeto.

De acordo com Cunha (2008, p. 16),

Nossos impulsos emocionais têm início no afeto. Referimo-nos as sensações que se vivenciam no campo dos sentimentos e que nos trazem experiências reais, boas ou ruins. Essas experiências são responsáveis pelo nosso prazer em viver e, em grande parte, pelo sucesso ou insucesso do mundo acadêmico.

Desta forma desde o nascimento as pessoas precisam de afeto, pois são as emoções sentidas e vividas, de tristeza a alegria e emoções que o corpo precisa na interação com o outro e no processo de aprendizagem.

A aprendizagem está diretamente ligada aos sentimentos, pois o indivíduo precisa entender sua própria vivência e compreender a do outro. As sensações vivenciadas traz algo bom ou ruim, dependendo de cada situação, o afeto interfere diretamente no processo de aprendizagem, pois se a relação de uma ou ambas as partes se não for boa, o resultado pode ser contraproducente.

Corrobora Paula e Faria (2010, p. 2) que

Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, conteúdos escolares, livros, escrita, etc. Não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações.

Pode-se dizer que a escola é o segundo grupo formado de relações de pares: “A escola é uma árvore. A árvore é alimentada e alimenta. Abriga e ensina os passantes à sua sombra. Sustenta os que se aconchegam e fazem seus ninhos e, como pássaros, prepara ali uma nova geração para voar.” (CUNHA, 2008, p. 31), com isso, é papel do professor e de todos os funcionários da escola contribuir no crescimento e desenvolvimento de seus alunos. Na escola o aluno vê o professor como o personagem principal, aquele que vai contribuir diretamente em seu comportamento emocional e comportamental. É na escola que o aluno vai passar por longos períodos durante a sua formação, sendo assim, é necessário que os sentimentos e emoções da criança tenham espaços para além dos conteúdos programáticos. De acordo com Bezerra (2006, p. 24):

Se o professor tiver conhecimento do conflito eu-outro na construção da personalidade, onde costuma surgir por vezes hostilidade da criança em relação ao professor; tanto pela falta de êxito da criança, pela severidade do professor, por motivos pessoais oriundos da família, quanto por problemas afetivos de origem psíquica, então diante de todos esses aspectos, nós professores poderemos receber essas atitudes com mais tolerância e não tomá-la como afrontas pessoais.

Deste modo, o professor em sala de aula conduz o processo pedagógico, estimula a aprendizagem do aluno, desperta o interesse e instiga os esquemas cognitivos. Para isso é importante a interação da relação professor-aluno e da relação aluno-aluno. Cabe ao professor diferenciar sua relação com os alunos e entender o contexto que a criança está inserida. Não deve confundir afetividade com agrado. O aluno precisa cumprir as regras estabelecidas no campo da escola e da sala de aula. O professor na sua intervenção conduz esse processo para o desenvolvimento da disciplina interior. É importante o professor, estar atento as atitudes dos alunos para não torná-las de cunho pessoal guardando raiva e tendo antipatia com cada um. A criança pode por determinado momento enfrentar e não atender aos pedidos do professor, contudo cabe ao docente investigar esse comportamento do aluno repentino e rebelde, que pode ser consequência de um desprazer vivido há pouco tempo. Sobre a disciplina interior ou autodisciplina Haydt (2002, p. 67-68), afirma:

A disciplina interior é tão importante em nossas vidas e no nosso relacionamento com as outras pessoas [...] se pretendemos que nossos alunos dirijam sua conduta de acordo com princípios coerentemente estabelecidos, devemos trabalhar em sala no sentido de desenvolver a autodisciplina.[...]deve-se cultivar e dar condições para que o aluno possa praticar e vivenciar a autodisciplina na rotina diária da sala de aula [...] a disciplina da classe é, em grande parte, uma consequência da relação professor-aluno.

Sendo assim, é papel da escola afetar o educando de maneira produtiva, despertando-lhe o gosto e o interesse pelo saber. Ainda que ele não consiga amar o conteúdo a ser estudado, poderá amar quem o ministra. O ideal seria despertar o amor por ambas as partes.

Quando se assume que o processo de aprendizagem é social, o foco desloca-se para as interações e os procedimentos de ensino tornam-se fundamentais. O que se diz, como se diz, em que momento e por quê; da mesma forma que, o que se faz, como se faz influenciando diretamente o processo de ensino-aprendizagem. (PAULA; FARIA, 2010, p. 13).

Em uma sala de aula a aprendizagem está diretamente ligada à afetividade. A partir da interação entre professor e aluno que passa a se criar um vínculo, se positivo, um bom desempenho escolar, os alunos começam a sentir prazer pelos estudos buscando sempre algo a mais.

É importante que se tenha uma preocupação com os alunos de maneira que eles estejam aprendendo o essencial. A postura do professor também demonstra uma maneira afetiva em sala de aula, pois é o comportamento do professor que vai conduzir a aprendizagem.

Segundo Cunha (2008, p. 31), a escola é comparada a árvore pois é um ambiente para se criar raízes, é um lugar onde os alunos poderão se sentir mais à vontade para aprender novos saberes. A instituição recebe carinho de seus alunos e também faz a relação inversa, ela vai dar amor para aqueles que necessitam, e ao terminar sua formação básica, irão em busca de outros conhecimentos e levarão consigo tudo aquilo que aprenderam desde o primeiro dia de aula.

A partir do momento que os alunos saem da escola, eles estão levando em sua bagagem experiências boas e ruins, mas, todas servirão para a nova etapa em sua vida. E cada um vai lembrar de seus professores, da característica e humor de todos e, principalmente, como eles contribuíram para chegar aos seus objetivos.



3 RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR

Dentro de sala de aula é importante que haja uma preocupação com o emocional dos alunos, pois esse sentimento faz parte do processo de aprendizagem dos alunos. A relação entre o professor e o aluno é o centro do processo educativo, o resultado da aprendizagem vai ser baseada nessa relação, com isso espera-se que seja uma relação harmoniosa pois é muito importante valorizar o que o aluno traz para o professor, e não apenas o que o professor tem para oferecer aos alunos

Libâneo (1990, p. 249) aponta que “As relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações em sala de aula fazem parte das condições organizativas do trabalho docente, ao lado de outras que estudamos,” ou seja, em sala de aula é necessário que a afetividade seja uma incentivadora na aprendizagem.

É papel do professor mediar o aluno na aprendizagem e não apenas ensinar conteúdos, para que isso aconteça, ele deve realizar um trabalho eficaz e prazeroso, conquistando a confiança de seus alunos no ambiente escolar com uma boa relação criando um vínculo afetivo.

Podemos ressaltar dois aspectos da interação professor-alunos no trabalho docente: o aspecto cognoscitivo (que diz respeito à forma de comunicação dos conteúdos escolares e as tarefas escolares indicadas aos alunos) e o aspecto socioemocional (que diz respeito às relações pessoais entre professor e aluno e as normas disciplinares indispensáveis ao trabalho docente). (LIBÂNEO, 1990, p. 249.)

Quando há confiança na relação entre discentes e docentes se resulta em motivação em ensinar e disposição em aprender, o professor deve levar seus alunos a refletirem sobre assuntos que servirão para a vida fora dos muros da escola, que também são assuntos importantes, fazer com que eles comecem a tomar alguns posicionamentos, ou seja, não focar apenas em conteúdos escolares, e são com essas situações que a relação professor aluno vai se fortalecendo.

“Essa relação deve estar baseada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o aluno para seu crescimento interno, isto é, fortalecer-lhe as bases morais e



críticas, não deixando sua atenção voltada apenas para o conteúdo a ser dado.” (MÜLLER, p. 276).

É dentro de sala de aula que o professor vai ter oportunidade de formar pessoas críticas e cidadãos capazes de cumprir com seus deveres e exercer seus direitos, com isso ele deve despertar em seus alunos essa busca pelo saber, instigar os discentes a participarem ativamente de suas aulas de forma que todos se sintam acolhidos e trabalhem em metodologias ativas.

O campo específico de atuação profissional e política do professor é a escola, à qual cabem tarefas de assegurar aos alunos um sólido domínio de conhecimentos e habilidades, o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, de pensamento independente, crítico e criativo. (LIBÂNEO, 1990, p. 22).

Avaliando o papel da afetividade em sala de aula, tendo em vista que o professor deve ter um comprometimento com seus alunos, pensando sempre em seu bem estar, pois na sala de aula é um ambiente que professor e aluno irão passar bons momentos juntos, é necessário que haja entre eles uma relação de amor e carinho.

É papel do professor acreditar no potencial de seu aluno, além de estar sempre mediando o conhecimento para que o aluno se torne capaz de executar tarefas que são de sua responsabilidade, pois assim ele vai criando situações através da convivência um vínculo afetivo entre professor e aluno.

A relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Apesar de estar sujeita a um programa, normas da instituição de ensino, a interação do professor e do aluno forma o centro do processo educativo. (MÜLLER, 2002, p. 276).

Essa relação para ser conquistada com êxito é necessário respeito entre ambas as partes, somente assim haverá uma boa convivência, portanto quando o professor ganha a confiança de seu professor ele consegue executar seu trabalho de uma forma positiva, atingindo os objetivos propostos que é mediar a aprendizagem.

O professor deverá pensar em estratégias para exercer seu papel em sala de aula de forma que não deixe nenhum aluno sem o conhecimento, mesmo que por algum motivo um aluno ou



outro tenha dificuldade, é responsabilidade dele cumprir seu papel e zelar pelo seu papel de educador, pois o afeto é condicionante para que o professor se torne um bom profissional.

Os educadores concordam que o processo educativo e, mais especificamente, a construção do conhecimento são processos interativos, e portanto sociais, nos quais os agentes que deles participam estabelecem relações entre si. Nessa interação, eles transmitem e assimilam conhecimentos, trocam ideias, expressam opiniões, compartilham experiências, manifestam suas formas de ver e conceber o mundo e veiculam os valores que norteiam suas vidas. (HAYDT, 2006, p. 57).

Em sala de aula com essa relação estabelecida o professor deve deixar bem claro que o aluno deve respeitar regras assim como os demais colegas, a relação deve ser de respeito porém com alguns limites estabelecidos. Quanto melhor for a relação melhor será a aprendizagem. O professor deve aproveitar a energia e interesse de seus alunos para motivá-los a sempre fazer algo melhor.

Cabe ao professor, durante sua intervenção em sala de aula e por meio de sua interação com a classe, ajudar o aluno a transformar sua curiosidade em esforço cognitivo e a passar de um conhecimento confuso, sincrético, fragmentado, a um saber organizado e preciso. (HAYDT, 2006, p. 57).

De acordo com Libâneo (1990) essa relação entre o professor e o aluno deve ter um limite, pois a escola não é a casa dos alunos, e o professor não será parte da família de seus discentes, por mais que passem por horas e horas juntos é importante saber separar essa relação para que o processo da aprendizagem não seja prejudicado, é importante que haja um respeito entre as duas partes e também um relacionamento produtivo.

Não estamos falando da afetividade do professor para com determinados alunos, nem de amor pelas crianças. A relação maternal ou paternal deve ser evitada, porque a escola não é um lar. Os alunos não são nossos sobrinhos e muito menos filhos. Na sala de aula, o professor se relaciona com o grupo de alunos. Ainda que o professor necessite atender um aluno especial ou que os alunos trabalhem individualmente, a interação deve estar voltada para a atividade de todos os alunos em torno dos objetivos e do conteúdo da aula. (LIBÂNEO, 1990, p. 251).



A afetividade é um relacionamento produtivo onde o professor vai ser o mediador e o aluno vai participar da aula com suas ideias, sugestões e até mesmo críticas construtivas e o professor por sua vez com seu profissionalismo não vai tornar essa relação conflitante, pois ambos se conhecem e se respeitam.

4 CONTRIBUIÇÕES DE HENRI WALLON

Pode-se dizer que afetividade é o início das manifestações que vão se convergindo durante o desenvolvimento chegam a alcançar o topo dos sentimentos e por fim alcança a cognição, assim como pode ser observado nos sentimentos.

A afetividade não se trata apenas de uma coincidência, tendo em vista que o projeto educacional atualmente depende de alguns entendimentos do sujeito, sendo suas experiências e relação com si mesmo, com os outros e com mundo. O docente precisa ter conhecimento sobre cada aluno e sua realidade, para que a relação entre os dois lados seja sadia.

A relação professor-aluno e a escola são elementos essenciais no processo de ensino e aprendizagem. Aponta Ferreira (2010, p. 1) que,

No campo educacional, o interesse pelo estudo da afetividade é um fenômeno relativamente recente. A herança positivista nessa área dificultava a inclusão dessa temática, classificada geralmente como "não científica" ou posta como não relevante, sendo muitas vezes marginalizada ou usada de maneira generalizada para justificar as dificuldades em lidar com aqueles que rompiam as barreiras das regras escolares.

Ainda que seja um desafio alcançar a formação integral dos alunos, esse propósito não deve ser deixado de lado, pois a compreensão da pessoa de ser completa em relação ao desenvolvimento é possível e só depende de quem está ensinando.

Segundo Ferreira (2010, p. 1) a relação entre homem e mundo e a própria compreensão dos principais conjuntos funcionais que ajudam a compreender a formação da pessoa total encontra-se espalhado em diversas obras de Wallon. Considera Ferreira (2010, p. 1) que,



Uma das contribuições centrais de Wallon está em dispor de uma conceituação diferencial sobre emoção, sentimentos e paixão, incluindo todas essas manifestações como um desdobramento de um domínio funcional mais abrangente: a afetividade, sem contudo, reduzi-los uns aos outros.

Ferreira ano ressalta em sua obra a importância da afetividade no processo e desenvolvimento da criança que vai adquirir uma relação social com o outro que é o gatilho na formação da pessoa completa. Pois o lugar onde a criança está socialmente inclusa vai interferir em sua formação quando se trata de hábitos e valores. Cada região tem sua característica e os alunos vêm com esses traços. Os alunos ribeirinhos e alunos do campo têm uma experiência maior com a natureza, diferente de alunos que estudam em grandes centros. No entanto, a afetividade está presente em qualquer lugar.

4.1 A teoria psicogênica em Wallon

Henri Wallon foi psicólogo, filósofo, médico e político francês. Se tornou reputado por seu trabalho científico da Psicologia do Desenvolvimento, é um dos grandes pesquisadores na área da afetividade.

Wallon considera cinco estágios distintos no desenvolvimento do indivíduo, e a passagem de uma fase para a outra não é fácil, e em alguns casos com alguns conflitos. Os estágios são citados pelo autor até a adolescência, porém o processo do desenvolvimento é processo que não tem fim.

A ideia de fases do desenvolvimento da inteligência é bastante familiar; bem menos comum é a noção de etapas da afetividade fora da psicanálise, na qual ela se aplica a uma sexualidade que se desenvolve à margem da racionalidade. Aqui existe a suposição de que ela incorpora de fato as construções da inteligência, e por conseguinte tende a se racionalizar. As formas adultas de afetividade, por essa razão, podem deferir enormemente das suas formas infantis. (TAILLE; KOHL; DANTAS, 2019, s. p.).

Segundo Galvão (1995), cada nova fase inverte a orientação da atividade e do interesse da criança: do eu para o mundo, das pessoas para as coisas. Trata-se do princípio da alternância funcional. A seguir, uma breve explicação de cada estágio.



O primeiro estágio de (0 a 1 ano) denominado de Impulsivo Emocional é aquele onde o bebê vai ter o maior relação com o seu meio que em geral é a mãe, pois é ela que vai passar a maior parte com ele, criando a possibilidade de comunicação entre ambas as partes.

No seu momento inicial, a afetividade reduz-se praticamente às suas manifestações somáticas; vale dizer, é pura emoção. Até aí, as duas expressões são intercambiáveis; trata-se de uma afetividade somática, epidérmica, em que as trocas afetivas dependem inteiramente da presença concreta dos parceiros. (TAILLE; KOHL; DANTAS, 2019, s. p.).

O primeiro laço afetivo é aqui estabelecido. Aquele (a) que cuida da criança seja o pai, mãe ou cuidadores cabe a tarefa de estabelecer o vínculo ao cuidar das necessidades primeiras do bebê. Não se trata de afetividade intelectual e sim de uma relação puramente afetiva – no sentido da palavra: afetar. A criança é então fisgada pelo sorriso, pelo toque, pelo olhar e palavras que constituirão a sua vida psíquica. Comenta Duarte e Gulassa (2012, p. 25) que

O bebê afeta o meio que o circunda, obtendo respostas deste para suas necessidades. É dessa osmose afetiva entre a criança e seus envolventes que surge o início da vida psíquica, a consciência subjetiva na qual vão se formando as primeiras imagens mentais e nas quais se imprimirão as primeiras marcas de sua individualidade

No estágio sensório-motor e projetivo, (1 a 3 anos) a criança se prende ao mundo físico e a exploração sensório motora, ou seja, ela aprende a andar e busca conhecer a sua realidade.

Depois que a inteligência construiu a função simbólica, a comunicação se beneficia, alargando o seu raio de ação. Ela incorpora a linguagem em sua dimensão semântica, primeiro oral, depois escrita. A possibilidade de nutrição afetiva por essas vias passa a se acrescentar às anteriores, que se reduziam à comunicação tônica: o toque e a entonação da voz. Instala-se o que se poderia denominar forma cognitiva de vinculação afetiva. Pensar nessa direção leva a admitir que o ajuste fino da demanda às competências, em educação, pode ser pensado como uma forma muito requintada de comunicação afetiva. (TAILLE; KOHL; DANTAS, 2019, s. p.).

O estágio sensório motor é a fase onde a criança começa o desenvolvimento da parte corporal, como andar sozinha, correr, pular e explorar o que está em sua volta, precisa conhecer o ambiente que se encontra. É importante que nessa fase os pais e professores estimulem as



crianças para realizar suas primeiras descobertas e também a desenvolver a sua linguagem através de simples diálogos, dando oportunidade para que a criança também possa se manifestar e se expressar na comunicação.

No estágio do personalismo, (3 a 6 anos) o centro da criança é a personalidade, e isso acontece por meio de observação e imitação, para que a criança comece fazer pequenas coisas, que também está ligado a afetividade.

Enfrentando o risco do esquematismo, falaríamos então em três grandes momentos: afetividade emocional ou tônica, afetividade simbólica, e afetividade categorial: o qualificativo corresponde ao nível alcançado pela inteligência na etapa anterior. (TAILLE KOHL; DANTAS, 2019, s.p.).

Conforme o autor observa, o estágio do personalismo apresenta o desenvolvimento da criança através da observação do outro, em seguida ela começa reproduzir o que observou. A afetividade emocional é presente nessa fase, pois a criança começa a demonstrar seus sentimentos em relação as pessoas que estão próximas. A afetividade simbólica é o momento em que a criança começa imitar o que ela observou, seja em casa ou na escola. A afetividade categorial está ligada a experiência no campo afetivo em relação ao outro. Descobre nesta fase que é diferente das outras crianças e dos adultos e a afetividade está mais acentuada.

O estágio Categorial (6 a 11 anos) onde a criança vai dar sequência no estágio anterior, é uma parte da personalidade mais formada, definindo a escolha do indivíduo como conquista do mundo exterior e seus conhecimentos. Descreve Taille, Kohle Dantas,

Nos momentos predominantemente afetivos do desenvolvimento, o que está em primeiro plano é a construção do sujeito, que se faz pela interação com os outros sujeitos: naqueles de maior peso cognitivo, é o objeto, a realidade externa, que se modela, à custa da aquisição das técnicas elaboradas pela cultura. Ambos os processos são, por conseguinte, sociais, embora em sentidos diferentes: no primeiro, social é sinônimo de interpessoal; no segundo, é o equivalente de cultura. (2019, s.p.).

Desta forma, a afetividade está presente durante todo o período de desenvolvimento da criança, onde começa sua formação em casa com seus pais e familiares, em seguida inicia o VI SIMGETI – Grupo Educacional Unis – Varginha, 23 e 24 de novembro de 2020 –



processo de aprendizagem com os professores, e assim o afeto se encontra na relação com todos a sua volta. Quando a criança sai do ambiente familiar e passa ter contato com outras pessoas ela busca conhecer novas culturas e hábitos, ou seja, amplia seu espaço de aprendizagem na presença do afeto e com isso, através da convivência surge novas descobertas. Há também uma compreensão maior dela e do outro, como também as atividades cognitivas se ampliam, levando-a exploração do mundo externo e com isso estabelecer relações afetivas nos vários momentos vividos.

E por último o estágio, Puberdade e Adolescência (11 anos em diante) onde o indivíduo vai encontrar várias personalidades diferentes das suas, onde o adolescente precisa se auto afirmar e ao mesmo tempo se inserir em grupo pois esse estágio traz questões morais, pessoais e existenciais predominando a afetividade.

Em seu último grande momento de construção, a puberdade, retorna para o primeiro plano um tipo de afetividade que incorporou a função categorial (quando esta se construiu, evidentemente). Nasce então aquele tipo de conduta que coloca exigências racionais às relações afetivas: exigências de respeito recíproco, justiça, igualdade de direitos etc. Não as atender tende a ser percebido como desamor – o que ocorre frequentemente entre adolescentes e seus pais, quando estes persistem em alimentá-los com um tipo de manifestação que não corresponde mais às expectativas da sua nova organização afetiva. (TAILLE; KOHL; DANTAS, 2019, s.p.).

Nesse sentido, a criança começa a construir sua personalidade através de seus gostos e preferências, fazendo escolhas e deixa de ser aquela criança pequena a qual os pais decidem tudo por ela. Com isso, a afetividade nessa etapa é intensa e às vezes ambígua: ora aventura ou recolhimento, ora rebeldia ou conformismo. Se faz necessário a presente ativa e de amorosidade de pais e professores.

A afetividade se faz presente em todos os estágios do desenvolvimento infantil. Nos anos iniciais ela se faz mais presente, visto que nos anos finais a interação vem como uma aliada na construção do vínculo afetivo. A afetividade participa de todas as etapas da vida do desenvolvimento de uma pessoa e em cada fase está marcada por uma característica.



Segundo Taille (2019), o desenvolvimento do sujeito depende do objeto e esse objeto é onde ele se insere, onde existem valores, costumes, vivências afetivas e crenças. Assim sua construção de conhecimento tem grande influência com o ambiente inserido e a forma como se relacionam.

É importante que o docente se comprometa a respeitar o tempo de cada aluno, pois ele deverá exercer sua função com comprometimento de modo que não deixe nenhum aluno sem o essencial cuidado e tenha preocupação em relação ao desenvolvimento e aprendizagem.

5 CONCLUSÃO

Pelos estudos e leituras realizadas percebe-se que o professor não atua como um transmissor de conhecimentos, mas também sendo um mediador no processo de ensino e aprendizagem, é necessário que haja afetividade em tal processo dado que a afetividade base da relação professor /aluno.

É necessário que haja cada vez mais uma atenção em relação a afetividade um tema ainda pouco falado dentro das escolas, e de grande importância. É imprescindível ter um olhar atento com aqueles discentes que tem atitudes rebeldes, que na maioria dos casos possuem grande dificuldade com o desenvolvimento escolar.

Pode-se afirmar que a afetividade contribui significativamente para o desenvolvimento integral dos alunos, dado que desperta neles o interesse por aprender. A escola deve estar estruturada para respeitar o indivíduo, suas emoções, dificuldades e necessidades, tornando-se um ambiente propício para o aprendizado.

A teoria do desenvolvimento é essencial para que os professores saibam entender seus alunos dentro de sala de aula, de uma forma de aprendizagem e conseguirem identificar cada estágio que o aluno está vivenciando de acordo com a idade. Sendo assim, facilita no processo de aprendizagem pois o professor vai realizar suas aulas sendo um mediador do conhecimento



realizando com forma eficaz seu trabalho. A afetividade está presente em todos os estágios do desenvolvimento.

THE IMPORTANCE OF AFFECTION IN THE DEVELOPMENT AND LEARNING OF CHILDREN

ABSTRACT

This paper addresses the impact of the relationship between teacher and student on school learning. In the current context, teaching is a great challenge, it is believed that one of the main obstacles, in addition to media issues, is the lack of affective bond. Faced with this challenge, affectivity becomes an effective tool and facilitator of the educator. The objective of this work is to analyze the importance of affective bonding in the teacher-student relationship as a driving force for learning. The methodology used was a literature review, through the reading of books and articles. Research has shown that to have an effective learning it must be carried out with affection.

Keywords: *Affectivity. School Reality. Learning.*

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Ricardo. **Afetividade como condição para a aprendizagem:** Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. 2006. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/10525536-Revista-didatica-sistemica-issn-1809-3108-volume-4-julho-a-dezembro-de-2006-fundacao-universidade-federal-do-rio-grande.html>>. Acesso em: 4 out. 2020.

CUNHA, Eugênio. **Afeto e Aprendizagem.** Rio de Janeiro: Editora Wak, 2008.



DUARTE, M. P.; GULASSA, M. L. C. R. Estágio Impulsivo Emocional. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. Henri Wallon: **Psicologia e Educação**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2012. p. 19-29.

FERREIRA, A. L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M.. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100002>. Acesso em: 15 jun. 2020.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 134 p.

GATTI, Bernadete Angelina. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. 113 p.

HAYDT, Regina Celia Cazauz. **Didática Geral**. 8. ed. São Paulo, SP: Ática, 2006. 327 p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1990.

MÜLLER, Luiza de Souza. **A Interação professor aluno no processo educativo**. 2002. Disponível em: <https://www.academia.edu/37551477/A_INTERA%C3%87%C3%83O_PROFESSOR_ALUNO_NO_PROCESSO_EDUCATIVO>. Acesso em: 4 out. 2020.

PAULA, S. R.; FARIA, M. **A afetividade na aprendizagem**. 2010. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/sandra.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2019.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 24.ed.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

TAILLE, Y.; KOHL, M.; DANTAS, H.. **Piaget, Vigotski, Wallon : teorias psicogenéticas em discussão**. 28. ed. São Paulo : Summus, 2019.